

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Português

Editor:

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

AGOSTINHO F. ROCHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARAES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 46 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

A dissidência

E' difficil de perceber, pelo sem-nexo das frases e pela incorrectissima construção gramatical, o que, sob o título «Comissão política», publicou, há dias, um nosso colega desta cidade. Parece, porém, que se trata da organização dum novo partido republicano, cujo programa ainda se desconhece, encargo cometido a uma comissão talvez constituída pelos indivíduos cujos nomes fecham, sem se saber bem a que título, a noticia a que nos referimos.

Por esses nomes depreende-se que a iniciativa do novo partido, que não aspira a ultrapassar os muros de Guimarães, pertence ao grupo chamado dissidente. E', portanto, a dissidência que se emancipa, que rompe, definitivamente, com o seu antigo partido, e que se propõe defender a República, sob bases diferentes daquelas que constituem a norma das comissões políticas deste concelho.

Estão no seu direito de discordar e de se organizar, politicamente, como entenderem. A nós cumpre-nos o dever de esclarecer o assunto, tanto quanto possível, para que todos os nossos correligionários possam, com consciência, julgar de que lado está a razão.

Uma dissidência deve ter por fundamento uma grave divergência sobre a orientação ou processos que a maioria, intransigentemente, se recusa a modificar.

Mas em que consiste essa divergência, no caso que temos a tratar? Por mais que procuremos, no orgão dos dissidentes, a causa que os leva a tomar a attitude que tomaram, de tal forma odienta que, entre nós e os monárquicos, não hesitaram, preferindo ligar-se a estes, seus inimigos e perseguidores de sempre, repellido-nos a nós, seus amigos e antigos e sempre leais companheiros de luta, não somos capazes de a encontrar.

Há referências vagas a «uma ditadura republicana que, mau grado, não soube elevar o prestigio e a moral da politica republicana entre nós, malbaratando desse modo não só um partido, mas, o que é mais grave, malquistando a própria ideia da República!» E' isto o que de mais concreto encontramos no orgão da dissidência, e que deixamos copiado textualmente.

Mas, se, realmente, existiu uma ditadura republicana durante oito annos, essa ditadura teve, sempre, o aplauso e a colaboração dos dois republicanos que chefiam a dissidência. Um deles fez sempre parte da Comissão Municipal e, companheiro de todos os dias, de todas as horas, do seu presidente, tem a responsabilidade, a que nunca se poderá furtar, de todos os actos cometidos pela direcção do Partido, pois

que nenhum ignorou, contra nenhum protestou e apoiou todos aqueles que, porventura, não tenham sido da sua própria iniciativa. O outro, se não foi tão assíduo na sua acção, nem porisso deixou de ser ouvido em todos os casos importantes que havia a tratar, sabia que a sua opinião, a manifestar-se, seria sempre recebida com respeito e deferência, difficilmente podendo deixar de ser acatada, e em todos os lances mais graves e dificeis do Partido, como, por exemplo, nas eleições de 1917, a sua colaboração foi das mais activas, das mais entusiasticas. Ambos ocuparam, durante largos períodos, os cargos mais importantes de confiança política que pode haver no concelho. Não podem, portanto, fugir à responsabilidade, que lhes cabe, inteira, da orientação política dada ao Partido, até que o 5 de Dezembro de 1917 o veiu desorganisar.

E não só os chefes dissidentes a que aludimos apoiaram sempre a orientação política que condenam agora e de que são responsaveis; igual apoio essa orientação mereceu a todos os que os acompanham e constituem a tal comissão, um dos quais, há bem poucos dias, afirmava que andava com os dissidentes para melhor poder defender a direcção do Partido e outro ainda pertence às suas comissões dirigentes. Um só se manteve, sempre, numa situação de relativa independência, foi o sr. A. L. de Carvalho.

Temos, portanto, de concluir que estão arrependidos do que teem feito e querem que o Partido tome uma outra orientação. Mas, se assim é, porque não foram para as assembleas do Partido prégar as suas novas ideias, justificá-las, incuti-las no animo dos seus correligionários, demonstrar-lhes os erros cometidos e a necessidade de os emendar? Porque não compareceram nas eleições das comissões políticas, apresentando uma lista de que fizessem parte elementos capazes de executar o seu novo programa e fazendo a sua propaganda? Em tal caso, era este o caminho que lhes estava indicado e se, porventura, o Partido os não ouvisse, se, intransigentemente, puzesse de parte os seus argumentos, não acatando a sua nova opinião, só então é que lhes restaria o último recurso, o de separarem-se, o de abrirem a dissidência: e, ainda assim, procederiam como maus republicanos se não contassem, como realmente acontece, senão com os monárquicos para os apoiar no seu ataque ao Partido de que saíam.

Nada disto fizeram. Limitaram-se à intriga. Foram para toda a parte, insidiosamente, lançar a calúnia, a infâmia, sobre a vida particular dos seus amigos de ontem e até, e sobretudo, da dos próprios

com cuja amizade e apoio ainda hoje se utanam; e é sobre essa única base, a difamação de vidas íntimas, que elles querem construir um novo grupo ou partido!

Chegados a este ponto, o nó impede-nos a pena de correr: mas isso não obstará a que no espirito daquelles que nos leiam se forme e radique a sentença severa que merece quem, por forma tão vilmente desvairada, procede.

Os hábeis bajuladores!

E' este um tipo hoje bem comum e característico da sociedade vimaranesa.

Nesta terra em que muitos se julgam com talento, em que os génios pulsam como cogumelos em estremeira, aparecem de chofre os hábeis, os inteligentes bajuladores que numa arrioscia da política a levam direita, governam-se, arranjam-se, senhores do seu nariz, triunfantes e esfingicos como cabeças ôcas, foles de vaidade, de ronha e de matreirice.

Estão em toda a parte e em todos os campos. Há-os em todos os ramos da sabença e da actividade cidadina: — nas furnas da dissidência, nas bancas das gazetas, nas fábricas, nos cafés, nas baiucas, nas casas de passe, nas alcôvas de prazer tarifado, aos frêtes pelas esquinas.

Na imprensa, por desfastio, e em horas de bom humor, dizem coisas lindas, divinizam vultos, chamam-lhes *imaculados e quasi immortais que apostolisam ardorosamente o Evangelho Novo da Republica, que fazendo o Sermão da Montanha da Republica, assim prometem ás gentes simples um novo reinado politico...*

São hábeis bajuladores. Na sua maioria, nulos, duma nulidade indispensável, velhacos, duma velhacaria insubstituível, sem elles não se poderia formar a *troupe*, não se poderia engendrar a tração e não se poderia planear os rudes attentados ao direito, à justiça e ao decôro da Republica!

E perguntam cinicamente:

—Então ficamos assim?

Responderemos ainda com o seu próprio vocabulário:

«Não é agora o momento para analizarmos desenvolvidamente, particula a particula, o fundo moral desta fulminante aversão.»

Ficam, ficam na treva urdindo sinistramente o quer que seja de terrivel e infame, a *calunia*.

Ficam porque não podem, nem devem ir mais além. O caminho que pisam é demasiadamente sinuoso, saxeo e perigoso, para num esforço, ainda que supremo, lhe atingirem o fim.

Mas sempre hábeis, sempre portentos. Em calão de rua teem este equivalente: grandes pandegos, e no da Porta da Vila estoutro: grandes homens; grandes pandegos porque a rir, a gargalhar, etiquetando-se grandes revolucionários, vivem felizes sem frios no estomago e calores na algibeira. Se Deus os conserva são homens de gosto, fazem coisas lindas, negácias ao povo, *tagatés* à patrulha; se o diabo os carrega, homens honrados, teem enterros de luxo, alguns discursos, recordações imperdoraveis.

Mas ficam, enquanto nós marchamos com os olhos fitos na divisa do poeta italiano: *Segui il tuo corso; e lascia dire legenti*.

Segue o teu caminho e deixa falar quem fala.

VARIANTES

A Liberdade e a Reacção

Nunca será demais insistir, teimar e martelar neste ponto: — união dos republicanos e liberais para a defeza da Republica e da Liberdade — pois que é indispensável, é urgente que se extremem os campos, sem misturas nem confusões, e que são e devem ser unicamente dois — A Liberdade e a Reacção.

E' evidente que os reaccionários, de novo, e com maior fúria ainda, pretendem entrar, por todas as formas, a marcha benéfica e renovadora da Republica Portuguesa.

—Ninguém o duvide!

O actual incidente Universitário é disso uma prova eloquente e flagrante. E' o espirito retrógrado aferrado a bobrentas velharias, cheirando a cera, tresandando a rapé e a baifo, lutando e teimando incessantemente para que não possa brilhar a Luz, a Razão, a Liberdade e a Democracia, preferindo, em pleno século XX, os tórvos tempos de ignorância e de obscurantismo do reinado de D. João III ao progresso e conquistas da Liberdade, da Sciência e da Civilização.

E é triste ter de constatar que uma parte da mocidade das escolas superiores está eivada até à medula, mercê da educação jesuitica que recebe, de ideias reaccionárias e de preconceitos nefastos a ponto de se solidificar com os professores *teologos* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que recentemente foi transferida para o Porto, por decreto do dr. Leonardo Coimbra, actual Ministro da Instrução Pública, que sendo um moço de invulgar talento, espirito rasgadamente liberal, duma séria e moderna educação filosofica, viu a necessidade de dar um golpe certo num dos principais e mais perigosos redutos da reacção, como era a Faculdade de Letras e que por erro e imprevidência indesculpavel, nunca deveria ter sido instalada naquela cidade.

Imediatamente surge a revolta da Faculdade, os protestos, as reclamações, as grèves e as *paredes* de estudantes. Era inevitavel.

O illustre Ministro da Instrução, reformando com o seu decreto as sciencias filosoficas, feriu de *fond en comble* o ensino rotineiro e arcaico da Faculdade de Letras, que actualmente não era mais que a antiga faculdade de teologia em *travesti*.

Não se podia esperar outro procedimento de uma Universidade que, ao fundar-se em Março de 1918 um centro catolico em Coimbra, se foram inscrever, após a sua inauguração, nada mais nem nada menos de *trinta* lentes!

Ora admitindo, como diz o jornalista Homem Cristo, que ser catolico em Portugal, equivale a ser monárquico e germanófilo, com rarissimas excepções, tinha a Universidade, áquella data, nada menos de *trinta* inimigos da Patria e da Republica.

E quantos terá hoje?

Nestas circunstancias, estão pois extremados os campos.

Urge que todos os sinceros republicanos e todos os que acima de tudo amam a Liberdade, atentem no perigo em que podem collocar a Republica se persistirem na sua criminoso desunião.

Entretanto, o dr. Leonardo Coimbra tem o apoio incondicional de todos os liberais do país que sabem que combatendo a reacção defendem a Patria e a Humanidade.

A. R.

O povo soberano

Todos os homens nascem iguais e, por consequência, independentes uns dos outros; nenhum, quando vem ao mundo, traz consigo o direito de mandar. Se cada um, originalmente, fosse obrigado a obedecer á vontade de um outro, não existiria a liberdade moral, ou a livre escolha na pratica dos actos, não existiria nem crime nem virtude, porque a virtude depende da livre escolha entre o Bem e o Mal.

Ora a independencia pessoal e a soberania são uma e a mesma coisa, e o que faz que o homem seja livre perante o homem, ou soberano de si mesmo, é o que faz d'ele um ser moral responsável para com Deus, capaz de virtude.

Sublime atributo da intelligência, a soberania de si, ou a liberdade, forma o caracter especial que o distingue da besta, submetida á fatalidade e levada por ella ao escuro da sua existência cega, como os corpos celestes nas suas orbitas rigorosamente determinadas.

Nenhum homem pode alienar a sua soberania, porque não pode abdicar da sua natureza ou cessar de ser homem; e da soberania de cada individuo nasce, na sociedade, a soberania colectiva, ou a soberania do povo, igualmente inalienavel.

Quando a simpatia aproxima dois homens e que a utilidade reciproca estabeleceu entre elles uma associação de socorros mútuos ou uma cooperativa de produção, de que dependeria essa associação senão exclusivamente de si própria?

Todos ali teem direitos iguais e apudões diversas. As suas relações fundadas sobre o invencivel instinto que os impelle a unir-se, e as vantagens dessa união, dependem do seu

livra consentimento e das regras que se impõem a si mesmo.

Ninguém poderia ser obrigado a ir contra a sua vontade; e quando a vontade comum de se unir em certas condições, tiver criado o povo, a vontade dele ou a vontade geral da sociedade, constituirá a lei, e esse facto não prejudicará a ordem moral, essencial e inalterável, ou a justiça e a caridade.

Assim, longe de destruir ou de alterar a liberdade primitiva, a lei não é mais do que o exercício dessa mesma liberdade, dirigida para um fim útil a todos e pelo consenso de todos.

Se um ou alguns tentassem substituir com a sua vontade particular a vontade comum, as suas prescrições, quaisquer que elas fossem, não seriam leis, mas uma violação do próprio princípio da lei, um acto ilegítimo e subversivo de toda a verdadeira sociedade.

Quando, pois, invertendo a base natural da igualdade na organização do estado, se investem exclusivamente certas classes privilegiadas da autoridade legislativa, quando se fez essa autoridade um atributo do nascimento ou da riqueza, há desordem e tirania, porque a associação verdadeira foi transformada em dominação.

Uns mandam e porquê? Outros obedecem e porquê?

Quem submeteu estes áqueles? Quem disse a irmãos: Tens irmãos não de se curvar debaixo do teu jugo; e de seus senhores, dispozo de ti e do que é de ti, do seu trabalho e do produto desse mesmo trabalho, como vos aprovar?

Toda a lei que não foi feita pelo povo, que não dimanar dele, é nula.

O governo é simples executor da lei ou da vontade da nação, não tem outras funções. Foi escolhido unicamente para isso—não para mandar, mas para obedecer; e se deixar de obedecer ao Povo, este retira-lhe o mandato, como a um mandatário infiel. Nada mais.

M.

CONFIRMA-SE!

Um nosso colega local vem confirmar, de modo absoluto, tudo o que aqui temos dito do grupo dissidente que, traçoira e criminosamente, se mancomunou com os mais baixos e pulhas monárquicos.

O que vai ler-se prova, evidentemente, que a lista apresentada pelo tal grupo ao sufrágio dos eleitores era uma lista de infiéis e de traidores à Pátria e à República.

Vejam os:

«E' já do conhecimento de todos que duas listas, uma democratica e outra democratica-dissidente, disputavam as eleições administrativas, entre nós.

A «Alvorada», no seu último número, refere-se assim a essas duas listas:

Batiam-se duas listas, ambas compostas de elementos republicanos, ambas inspiradas e impulsionadas na defesa e conservação do regime, ambas até sugeridas no propósito de fortalecer igual partido.

«Como explica então o colega o facto de na lista dos democráticos-dissidentes, cujo órgão na imprensa é a «Avorada», aparecer o nome do nosso correligionário, sr. José Barreto Guimarães?

Conhece-o?

Olhe: esteve preso, mais dum ano, na Penitenciária de Coimbra, em 1912, quando da incursão monárquica de Chaves; voltou a estar preso, em 1915, acusado de cooptar no movimento restauracionista denominado «27 de agosto»; foi pela terceira vez preso, o outro dia, após a restauração republicana. Mas há mais ainda e que prova bem o republicanismo do sr. José Barreto Guimarães: é sócio n.º 98 das Juventudes Monárquicas Conservadoras (Núcleo Regional de Guimarães). Filhou-se, éle próprio, no dia 24 de Abril de 1918

e, como até a data não tenha pedido a sua demissão, continúa pertencendo áquella colectividade monárquica.

Teria éle conhecimento de o seu nome haver sido incluído na lista dos democráticos-dissidentes? Não acreditamos».

E pretendem caminhar!

Para onde? Sepultar-se no seu ocaso, apenas esforçando-se para reforçar a limpeza do seu sepulcro...

Opiniões alheias

«Entre as forças que procuram intervir na sociedade portuguesa, uma só apresenta hoje condições de se poder preparar desde já para uma obra construtiva—verdadeira e imediatamente construtiva; as que afirmam (melhor ou peor com mais ou menos consciência) o ideal da democracia republicana. Neste sentido se deve dizer que a salvação da comunidade, agora, está na consolidação da República. A esta conclusão nos parece deverem chegar—confessem-no ou não publicamente—os espiritos a quem não cegam preocupações de classe ou de partido. A verdadeira consolidação da República, numa sistemática obra de administração e de reforma, de fomento das forças produtoras e de melhoria das condições da vida, é a solução mais favorável aos interesses de toda a Grel e a que devemos desejar como benefício imediato, desde os conservadores de bom senso aos revolucionários previdentes.»

Antonio Sérgio, na revista «Pela Grel» n.º 7.

Ótimo

Para que se avalie como continúa bravia a tralçada pela pasta da guerra, damos à estampa o seguinte telegrama, que é elucidativo:

«Arcos de Val-de-Vez, 31.—Os republicanos deste concelho, justamente alarmados com a nomeação do sub-chefe do estado-maior da 8.ª divisão, Aires de Abreu, o mais encarniçado inimigo dos republicanos a quem ferozmente perseguiram, e que para este concelho durante o período ignobil do dezembrismo nomeou autoridades reconhecidamente monárquicas, que hoje se encontram presas, fugidas ou processadas, protestam indignados contra tal nomeação, que a manter-se determina a entrega da defesa da República aos monárquicos.—Alvaro Aguiar, Camilo Carvalho, Abel Lucena Barros, dr. Gonçalo Meira, dr. Albano Amorim e dr. Germano Amorim.»

—Mas o governo entende que só os monárquicos é que defendem bem a República?

—Salta então já depressa, o Amilcar Mota para a pasta da guerra!

—E já tarda...

Bom negócio...

O proprietário dum restaurante, em S. Torcato, appareceu no dia das eleições camarárias, no largo fronteiro à igreja, esfregando as mãos de contente.

Um indivíduo, que por ali passava, interroga-o:

—Porque esfregas as mãos de contente?

—Porque tenbo em casa uma libra de padres que vieram votar na dissidência democratica.

—Uma libra de padres? volve a interrogar curioso.

—Sim, senhor. Cada padre tem uma coroa e tendo eu em casa nove, para jantar, tenbo uma libra. Quem o duvida?

—Muito bem; devia fazer bom negócio.

Cartas na mesa

O sr. Capitão Pina, segundo se diz, foi escolhido para administrador do concelho, por merecer a confiança das comissões politicas do nosso Partido e do grupo dissidente. A indicação teria sido o fazer parte das duas listas camarárias.

Embora não nos parecesse correcto que sua ex.ª aceitasse esse cargo sem ter dado uma satisfação ás comissões politicas de que faz parte, e a cujas reuniões tem assistido, não nos desagradou a sua escolha e ficamos com a esperança de que o sr. Capitão, como administrador, manteria uma conducta absolutamente imparcial, intransigentemente republicana, inteligentemente conciliadora.

E' certo que nos disseram que o sr. administrador, ao aceitar o seu novo cargo, declarara que não teria dúvida em prender correligionários daqueles a quem o Partido mais deve, se tanto fosse necessário. Não nos incomodou e antes satisfez a noticia que, a ser verdadeira, só demonstrava a sua isenção e coragem e que, não lhe repugnando ser o carcereiro de amigos e companheiros de luta, muito menos hesitaria em proceder, com a indispensavel firmeza e decisão, contra os desmandos dos monárquicos.

Mas a nossa expectativa tem sido iludida. Os monárquicos fazem o que querem com a benevolente protecção de sua ex.ª. Regedores monárquicos continuam sendo mantidos nos seus logares de confiança, encobrendo-se o sr. administrador com a desculpa de cumprir ordens do sr. Governador. O seu nome apparece como fazendo parte de comissões encarregadas de organizar partidos que se dispõem a combater aquelle de cujas comissões sua ex.ª ainda se não demitiu. Assiste a reuniões dessas comissões embora a correligionários nossos afirme que o puzeram lá sem seu consentimento. Perante adversários da República, faz gravissimas acusações contra correligionários que, a terem fundamento, deviam ser levadas aos tribunais competentes e nunca virem para publico por tais meios, que podem ser considerados como insidiosos e desleais.

Tudo isto, e o mais que não dizemos, mostra-nos que há um grande equívoco a esclarecer: o sr. Pina é um soldado em cuja farda brilha a Torre e Espada; temos o direito de lhe exigir a coragem de dizer, aberta e decididamente, o que pensa e o que quer.

Retalhos da «Alvorada»

«... E' por estas e quejandas proezas republicueiras que nós, em tom imperativo e de cara levantada, lhes bradamos: —Afastem-se... que queremos passar!»

—; Mas, passar por onde?

—Talvez por cima dos republicanos sinceros, leais e dedicados de Guimarães e da própria República, não é assim?

—Nesse caso não deve ser em tom imperativo nem de cara levantada, mas simplesmente em tom... menor e de cara... safada.

«—; E' que só mãos imacu-

ladas podem erguer a bandeira da República!

—E' que só dedicações sérias podem gritar—Viva a República!»

—Bravo! Muito bem!

A «Alvorada» tem lá gente muito á altura da missão. Mãos immaculadas para erguer a bandeira da República e dedicações sérias para gritar—Viva a República! só as do seu correligionário sr. José Barreto Guimarães, também dignissimo sócio das Juventudes Monárquicas Conservadoras (Núcleo Regional de Guimarães), n.º 98 de matrícula.

—Bate certo.

Os cigarros

Desapareceram, por completo, os cigarros fortes das tabacarias da cidade, sem que ninguém lhes tenha descoberto o paradeiro, apesar de andar muita gente empenhada nisso.

Uma informação de Lisboa, dá-nos como certa a entrada dos delgados cigarros na fábrica de Xabregas, para ali serem carimbados de novo, com o título:—Dissidentes democraticos.

«Bons» monárquicos

Lemos no «Comércio de Guimarães» a informação seguinte:

—Foi pedido o regresso á metropole dos presos Antonio Mendes Barbosa, Domingos da Silva, Francisco Braz, o «Adeus ó menina» e Manuel de Matos o «Pintor».

—Com certeza vem para substituir com vantagem, na politica monárquica, o Baldaque, o Solari, o Picarra e o Padre Domingos. Parabens!

Espantoso!

Foi nomeado, ultimamente, professor do Liceu Central Martins Sarmiento, o sr. Padre João Luis Caldas, actual presidente da Juventude Católica de Guimarães.

E' extranhavel que, andando o governo empenhado no saneamento do funcionalismo publico, tal nomeação se fizesse.

Mas... nós bem conhecemos os padrinhos.

As cerejas

Agora, que por toda a parte, nos mercados, nos taboleiros das tendas, nos cestos das camponesas, a cereja bical, a ginja escura apparecem á venda, e que a mesa do rico e do pobre pode adornar-se com esse fruto balsâmico, ao alcance de todas as bolsas, não deixa de ser interessante recordar os árduos trabalhos, as expedições aventureiras, os perigos inumeráveis que representa esse luxo vulgar da vida moderna.

Este fruto delicioso, admirável de forma e colorido, que é a alegria, o luxo e a vaidade das sobremezas, tem uma origem exótica, provém das mais longinquas paragens, representa tributos de expedições vitoriosas.

As cerejas foram trazidas para a Italia por Lucullus, vencedor de Mithriades, e o seu nome deriva da cidade de Cerasonte.

Da mesma maneira o pècego persico e o damasco revelam as suas procedências asiáticas. E', ainda, aos romanos que devemos as amendoas, as amoras, as nozes, originárias da Asia Menor e da Pérsia. O grande Alexandre trouxe o limão da Media. Os marmelos são oriundos de Crêta. As camp-

nhas de Scipião, o africano, trouxeram as laranjas para a Europa.

Os melões, originários da Arménia, fizeram a sua primeira aparição na mesa de Carlos IX, rei de França.

A' força de inteligentes e persistentes esforços, conseguiram deslocar a caprichosa produção da Natureza, aclimando em terras do ocidente os frutos do oriente.

A figueira, a amendoeira, a alfarroboeira, cobriram o Algarve de flores, de sombra e de riqueza.

A laranjeira africana, a tangerineira mourisca, enchem de perfumes e de fartura os vales de Setúbal. A figueira da Asia Menor cresce e propaga-se em Traz-os-Montes. O damasco e o pècego da Pérsia amadurecem nos pomares do Douro.

As cerejas de Cerasonte, tidas pelo requintado Lucullus na conta de frutos preciosos, como joias, estão hoje ao alcance da mão de qualquer camponio do Minho.

E assim, para que as donas de casa possam comprar, por um pequeno preço, essas maravilhas da Natureza, desencadearam-se guerras sanguinosas há 2000 anos e sossobraram nos mares frotas inteiras.

A.

LITTERATURA

MAR ALTO

Nas velas do pequeno brigue havia uma alvura de jaspe a contrastar com a escuridão da quilha.

E éle lá ia, mar em fóra, inclinado um pouco sobre a esquerda, apartando a risca as águas glaucas.

A' ré da embarcação, envolta numa poeira lúgubre, demorava se, olhos no céu, de fronte levantada, uma criança de dezaseis anos, num como extasi da Natureza, numa contemplação do mar e do céu, da água e do ar.

Quem a visse tão jaspemente branca e tão cêresmente loira, diria que aquella criança era feita da espuma do mar, batida por um raio do sol no ocaso.

Naquelle pequenino cérebro pairava uma saudade indefinida por alguém que ficara em terra ao largar das velas da «Nuvem».

Os seus olhos da cor dos miosótis iam orvalhados de lagrimas sentidas. Criança até ali, o seu coração disse-lhe adeus aos divertimentos pueris e começara a sentir um anheló pra um desconhecido, uma aspiração pra uma coisa vaga que ella sabia sentir mas de nenhum modo exprimir.

Permanecia na tolda há uma boa meia hora, quando de súbito tirou de dentro do seu coto de assucena um retrato de um rapaz de marinha, que ella beijou com uma caricia infantil e, por todo o seu ser, sentiu um vago estremecimento como se lhe corresse nas veias a efervescencia de uma taça de champagne.

Deixara-o, havia instantes, e ainda lhe parecia receber a quentura dos lábios do seu amante. Como ella lhe queria e quem sabe se o tornaria a ver!

Pra ella era preciso ser amada, ser cingida por um braço forte, roçada por uns lábios que a picassem.

Como ella recordava a sua estatura avantajada, o seu pulso vigoroso, o seu bigode farto e as maneiras rudes do seu enamorado!

E o seu fragil corpo como um arbusto a quem a ventania açoitasse, estremecia só em pensar nelle.

Na coberta vigiara-a, desde o inicio, um marinheiro, verdadeiro tipo inglês, que costeava a minutos o sono daquela criança e, embebido, anlevado naquela poesia positiva, tinha se aproximado até fazer uma tangente com os lábios no rosto tão alvo daquela mulher.

Abraçou a em seguida e ella deixou-se ir naquella corrente de prazer.

Soubava e eram os braços do seu amante que a cingiam, eram os mesmos lábios que a beijavam, era o mesmo corpo que se unia ao dela.

Todos os dias subia à tolda, mas já nem sequer se lembrava de quem ficara em terra ao largar das velas da «Nuvem».

Todos os dias subia à tolda, p'ra se deixar embalar pela melodia harmoniosa das palavras daquele marinheiro que ela começara a querer num sonho e acabara por amar, vivendo.

Jaime de Faro.

NUM LEQUE

Quem és? Sou uma folhinha
Que trago o que trazes escrito
De mando de quem não sei

Ora bem. Vens cansadinha?
Quasi nada, um bocadito.
Espera um pouco. Esp'raei.

Olha cá, deixa-me vêr
O que trazes tão guardado
Aí para mim: Saúdede??

Pois pouco tens que dizer!
Que fica entregue o recado
E leva em troca: Amizade.

Ediuto.

Roubo

No dia 23 do mês findo, o sr. Manuel de Carvalho, casado, lavrador, residente no lugar do Monte, freguesia da Cesta, deste concelho, queixou-se na policia que os amigos do alheio tinham entrado em sua casa o levado, dali, um cordão de ouro, no valor aproximado de 150 escudos.

Encarregado da diligência o agente Manuel Gonçalves para descobrir o autor ou autores do furto, houve-se com tanta pericia que, na tarde de quarta-feira ultima, conseguiu apreender o cordão que estava escondido no buraco duma parede, junto a casa roubada e capturar, acto continuo, António Monteiro, casado, mineiro, residente no lugar da Nôra, freguesia de Polvoreira, autor do roubo.

Associação Comercial

Esta prestimosa colectividade viaranesa, em sua reunião de Direcção, realisada em 4 do corrente, tomou as seguintes resoluções:

Oficiar ao sr. Ministro do Fomento e a Direcção dos Serviços Pecuários do Norte, solicitando o costumeado subsidio para as Feiras de S. Gualter.

Oficiar á Câmara Municipal pedindo também o costumeado subsidio para as mesmas feiras.

Oficiar á Companhia dos Caminhos de Ferro de Guimarães, para que, na forma dos anos anteriores, estabeleça comboios a preços reduzidos, por ocasião das referidas feiras.

Oficiar á mesma, no sentido de se obter a máxima rapidez no transporte das mercadorias despatchadas para esta cidade.

Oficiar no mesmo sentido á Direcção dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, protestando ao mesmo tempo contra os roubos de mercadorias que se tem verificado e contra a forma desatenciosa como, pelo pessoal dos Caminhos de Ferro, são tratados os reclamantes.

Oficiar mais: á Camara Municipal sobre a contribuição dos vendedores ambulantes; ao Ministério das Finanças expondo-lhe o estado deploravel das cédulas de 5 e 10 centavos, que se encontram em circulação, mormente quando em Guimarães grassam as epidemias do tifo e variola, pedindo ao mesmo tempo o envio de cédulas novas e moedas para assim facilitar os trocos ao comércio e indústria; á Comissão dos Monumentos Nacionais pedindo-lhe a reparação da Colegiada, que se encontra em péssimo estado.

Por último foram aprovados os seguintes socios: João Rodrigues

Loureiro, Manuel Luís, Manuel Mendes de Oliveira, Domingos Martins Fernandes, Joaquim Lopes de Sousa Neves, Domingos Pereira Mendes, Manuel Caetano Martins e Francisco Joaquim de Freitas.

Juiz de Direito

Tomou posse de Juiz de Direito, desta comarca, o sr. dr. Manuel Borges de Sousa Teles.

Orfeon de Guimarães

A nova direcção do «Orfeon de Guimarães» ficou assim constituída:

Presidente, A. L. de Carvalho; vice-presidente, Adriano Trêps; 1.º secretário, José Ramos; 2.º ditto, Manuel Pereira Mendes; tesoureiro, capitão Luís Augusto de Pina Guimarães; vogais, Artur de Oliveira Sequeira, Joaquim José Novais, Domingos Braga e Guilherme de Carvalho.

Limpeza de prédios

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal pôz em execução o disposto no artigo 78.º do Código de Posturas, relativamente á limpeza, caiação e pintura exterior dos prédios da cidade.

Gil Vicente

E' hoje dia de festa em Guimarães. Não é de mais recordar que Gil Vicente, filho desta terra, foi grande no seu tempo. O autor do monólogo «Um Vaqueiro», celebrizou-se na corte de Lisboa, recitando os seus improvisos, perante os grandes da nação.

Guimarães não tem esquecido o seu filho ilustre, pois que de há muito possui uma rua com o seu nome, a Câmara democrática escolheu, para feriado concelhio, o dia 8 de Junho, em consagração a Gil Vicente e um nosso colega local tem o seu nome.

Milho

Devem chegar, por estes dias, a esta cidade, 12 milhões de quilos de milho colonial.

Convocação

São convocadas todas as praças licenciadas de reserva pertencentes ás classes de 1904, 1905, 1906, 1907, 1908, 1909 e 1910, com instrução militar, a comparecer, para serviço, por um dia, na sede da administração do concelho do seu domicilio, no dia 12 do corrente, pelas 12 horas, as quais irão munidas das respectivas cadernetas militares.

Mordido por uma cadela raivosa

Por ter sido mordido por uma cadela raivosa, seguiu para o Instituto Anti-rabico do Porto, onde vai fazer tratamento, o sr. padre Manuel Ferreira de Faria, pároco de Gominhães.

Incêndio

Pelas 18 horas, de ante-ontem, manifestou-se incêndio, numa mada de palha, no lugar dos Pombeiros, da freguesia de Creixomil e nos subúrbios desta cidade, pertencente ao lavrador Miguel Pereira.

No local compareceram os Bombeiros Voluntarios, que a seguir o extinguiram.

Gualdino de Campos

Faleceu, nos primeiros dias desta semana, na cidade do Porto, o nosso presado colega do «Janeiro», sr. Gualdino de Campos.

O nome é conhecido em demasia, e acôde aos labios de todos os que recordam os nossos grandes jornalistas.

Gualdino de Campos não era somente escritor, era artista. Pintava os quadros da miseria e da nobreza humana como um grande pintor poderia reproduzir toda a verdade de uma paisagem ou de uma scena dramática. A tela era o jornal, o pincel a pena, as côres e os tons as frases esmeradas e o suave estilo.

Profundamente consternados enviamos os nossos sentimentos de dôr á illustre redacção do «Janeiro».

Festividades

Uma comissão de devotos promove uma festividade ao Senhor J'Agonia, no Picoto, no dia 18 de Julho, constando de musica, arraial e bazar de prendas.

Tem lugar hoje, a festividade da Senhora da Lapinha, na freguesia de S. Lourenço de Calvos, deste concelho, constando, de manhã, de missa cantada a grande instrumental e de tarde, de procissão e arraial.

A variola

Alastra-se duma maneira pavorosa, a epidemia da variola em Guimarães. Há bairros completamente atacados estando a maior parte das casas fechadas por estarem de cama todas as pessoas que as habitam.

O obituario é numeroso.

Autorisações

Foram autorizadas as mesas gerentes da Irmandade da Conceição e Santos Passos, da Ordem de S. Francisco e do Asilo de Santa Estefânia, desta cidade, a receberem da Companhia Geral do Crédito Predial Português, o produto das obrigações, desta Companhia, que lhes foram sorteadas.

Sessões cinematográficas ao ar livre

Muito breve teremos, na praça de touros, na Quinta, sessões cinematográficas ao ar livre, para o que a praça está sendo devidamente preparada.

Luz electrica nas Taipas

A iluminação electrica das Caldas das Taipas, foi adjudicada, pela anuidade de 400 escudos, ao sr. Bernardino Jordão, desta cidade.

Banco I. Comércio e Indústria

Foi nomeado agente deste Banco, em Guimarães, o sr. José Joaquim Vieira de Castro, negociante nesta praça.

Nos meados deste mês realisa-se em Paris um concurso de tiro, inter-aliados, no qual tomará parte uma equipe portuguesa, composta dos srs. tenente-coronel Oliveira Gomes, capitães Andreia, Dario Canas, Rebelo, tenente Martins e sargentos Pais e Mendonça.

ADELINO LEITE DE FARIA

compra, por altos preços, faianças antigas, sédas, damascos, gravuras, joias, etc. etc,

R. Eliás Garcia (antiga de Santa Maria, 65 - GUIMARÃES

Falecimento na cadeia

Vitima duma lesão cardiaca, faleceu, ante-ontem, de tarde, na cadeia civil, desta cidade, o preso João António Monteiro, natural de Viana do Castelo.

O seu cadáver foi conduzido ao necroterio da Misericórdia, donde seguiu ontem para o cemitério municipal.

Carteira

Partiram ante-ontem para a capital, donde seguirão para o Brazil, os nossos presados amigos e correligionários, srs. Arnaldo e Gonçalo de Sousa Guise, filhos do director da cadeia civil e também nosso presado correligionário, sr. Francisco Raimundo de Sousa Guise.

Feliz viagem e muitas prosperidades é o que lhes desejamos.

Assalto e roubo

Na madrugada de ontem foi assaltada, na estrada de Garfe a Gonça, por um grupo de individuos, a padeira Maria Soldada, de Porto d'Ave, levando-lhe os assaltantes todo o pão que conduzia para esta cidade, no valor de 9 escudos.

Obituario

Guilherme José Cibrão

Na sua casa da Carreira, da freguesia de Infias, deste concelho, faleceu, no dia 5, este nosso amigo e devotado correligionário.

Contando apenas 50 anos, vitimou-o o tifo exantemático.

O partido democratico perde nêle um dos seus mais valorosos soldados e a República um seu extrênuo defensor.

A familia enlutada enviamos a expressão do nosso vivo sentimento.

Também faleceu, no dia 3, nesta cidade, o sr. José Caetano, de 72 anos, solteiro, tio sr. José Caetano Pereira, conceituado negociante de cortumes.

Igualmente faleceu o rev. Manuel Custódio de Sousa Gonçalves, de 91 anos, natural de Gondomar, deste concelho, morador na rua dos Terceiros, desta cidade. O finado era tio dos habéis armadores, srs. Augusto e José de Sousa Passos.

Faleceu ontem, pelas 23 horas, na rua do Gravador Molarinho, o sr. João Veloso de Araújo, de 30 anos de idade, negociante, casado com a sr.ª D. Maria Carminda de Oliveira Veloso.

A's familias enlutadas, os nossos sentimentos.

Expediente

Tendo a segunda fase de «A Velha Guarda», completado três meses de existência, vamos proceder á cobrança do 1.º semestre.

Aos nossos presados assinantes da cidade ser-lhes há apresentado o recibo pelo cobrador, dignando se honrar-nos com o seu bom acolhimento.

Aos do concelho e de fóra nos vimos pedir-lhes a fineza de nos enviarem a importância do 1.º semestre, evitando nos despesas com a cobrança pelo correlo.

Acção de separação

(1.ª publicação)

Para os efeitos legais se anuncia que por sentença de 12 do corrente mês de Abril foi homologada a decisão de conselho de familia que autorizou a separação de pessoas e bens entre Emilia Pinto Correia da Silva e Joaquim Lopes, ambos proprietários, da freguesia de Sam Miguel das Caldas, desta comarca.

Guimarães, 17 de Abril de 1919.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
A. Fernandes.

O escrivão,

Armando da Costa Nogueira.

ZINCO

Vende-se uma grande porção de chapas de zinco, canelado, de 3 metros de comprimento, cada chapa.

Para tratar com o sr. José Fernandes, lugar do Priorado, Guimarães.

Motociclete Henderson

Vende-se uma em bom estado. Preço muito módico. Nesta redacção se diz.

GAZOLINA

Vende José de Oliveira Meira, rua de S. Damaso, 59.--Preço sem competência.

OFICIAL DE OURIVESARIA

Precisa-se com prática de concertos. Carta com referências a Leopoldino Lemos—EVORA.

CONFITARIA PARISIENSE



DEPÓSITO DE PÓLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros
Portugal **Previdente**

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes. Completo sortido em molduras para quadros. Papel para forrar casas. Azulejos e mosaicos. Artigos para caçadores e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negócio.

Dragaria Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.
Rua da República — GUIMARÃES

A Velha Guarda

Orgão local do Partido Republicano Português

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Preço da assinatura

Ano 1750 cent.
Semestre 775 »
Brazil, ano (moeda forte). 2750 »
Numero avulso 703 »

Preço das publicações

Anúncios e comunicados, por linha 206 cent.
Repetição, por linha 203 »
Permanentes, contrato especial
Os snrs. assinantes gosam o desconto de 25% em todas suas publicações

VAGO

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: 500:000\$00 escudos

Seguros contra accidentes de trabalho

Seguros contra fogo

Seguros de vida

Seguros de transportes

Seguros contra roubos

Seguros de cristais.

Correspondente na Corredoura (S. Torcato):

João Vasco Cardoso Guimarães.

“ATLANTICA,”

Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social Esc. 500.000\$00

» realizado 50.000\$00

Fundo de reserva 150.000\$00

SÉDE: LOYOS, 92 — PORTO

Recetta de 1914 Esc. 36.988\$03,5

» » 1915 71.197\$29,3

» » 1916 537.897\$91,6

» » 1916 3.139.101\$23

Salstros pagos em 1914 E. 22.601\$41

» » 1915 25.903\$15

» » 1916 153.470\$90,5

» » 1917 1.127.035\$74

AGENCIAS EM FRANÇA, INGLATERRA, NORUEGA SUECIA, DINAMARCA, ESPANHA E EGITO

Seguros contra fogo.—Seguros contra fogo e roubo.—Seguros contra grèves e tumultos.—Seguros agricolas.

Seguros contra quebra de cristais.—Seguros de guerra.

Seguros marítimos e postais.—Seguros contra inundações e enxurradas.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel Joaquim de Oliveira

Dr. José Maria Soares Vieira

Silvino Pinheiro de Magalhães

Dr. Leopoldo Correia Mourão

Jaime de Sousa

Directores

Agentes em todas as terras do país

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

DELEGAÇÃO EM GUIMARÃES

Passeio da Independencia, 102 a 105

A Velha Guarda

Orgão local do Partido Republicano Português

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Ao Cidadão